

Neste primeiro número do volume 25, a *Signótica* inaugura sua *Seção Temática*, que contempla, no número em questão, a poesia brasileira produzida a partir dos anos 1980. A diversidade de poetas examinados nos artigos, de Lêdo Ivo e José Paulo Paes, passando por Sebastião Uchoa Leite e Armando Freitas Filho, até Marcos Siscar, Angélica Freitas e Jocenir (Josenir Prado), só para citar alguns, é ilustrativa da diversidade e da complexidade da cena contemporânea, em que poetas que estrearam nos decênios de 1940 continuam publicando ao lado de poetas estreados, em que uma poesia mais cultivada e de público mais vertical divide espaço com a literatura carcerária e outras manifestações voltadas para um público mais horizontal. Trata-se de uma produção lírica heterogênea, dissímil, cujos modos de ser e estar nestes tempos os trabalhos da *Seção Temática* procuram acompanhar, a partir de diversas abordagens, representando, no conjunto, uma importante contribuição para os estudos de poesia brasileira contemporânea.

A *Seção Temática*, composta por sete trabalhos, é aberta pelo ensaio “A resistência, o irresistível e a poesia em crise de Marcos Siscar”, em que Celia Pedrosa (UFF) acompanha a produção poética e crítica de um dos nomes mais significativos da poesia brasileira mais recente. Parte a ensaísta das releituras de lugares cristalizados da modernidade realizadas por Paul de Man e Rancière, notadamente em torno da poesia de Mallarmé e das relações entre poesia, autonomia e resistência, para chegar ao modo como o autor de *Metade da arte* reativa produtivamente um conceito gasto nas narrativas sobre a modernidade poética, isto é, o da poesia como locus de resistência poética e política.

Não deixa de ser também uma reflexão fundada na ideia da poesia como espaço de resistência que subjaz ao pensamento de Ida Alves (UFF) em “Olhares contemporâneos de Sebastião Uchoa Leite e Joaquim Manuel Magalhães”. A articulista investiga, em clave comparativa, *A espreita* (2000), do poeta brasileiro, e *Alta noite em*

alta fraga (2001), do português, para mostrar como, malgrado as diferenças formais entre os dois poetas, eles “se encontram no olhar ácido ou cortante sobre o mundo, alimentando uma poética também acre e rugosa”, um modo possível como o lirismo pode responder “às tensões deste nosso tempo”.

Ao comentar a poesia de Magalhães, Ida Alves diz que ela reatualiza, na poesia portuguesa contemporânea, a idéia de “uma poética do testemunho”, em confronto com a “poética do fingimento” pessoana, defendida por Jorge de Sena nos idos de 1960. Essa compreensão da poesia como uma espécie de ética irrecusável para além do trabalho estético torna-se central em “Poesia de testemunho (com doses de humor): Alex Polari, Glauco Mattoso, Leila Míccolis e Jocenir”. Nesse artigo, Wilberth Salgueiro (UFES) propõe suprir uma lacuna nos estudos da chamada literatura de testemunho no Brasil, na qual se nota uma espécie de “sequestro” do texto poético e, sobretudo, do texto bem-humorado. O autor dá a ver um quadro sintético da poesia de testemunho fundada no humor que vai dos anos da ditadura militar brasileira até chegar à “literatura carcerária”.

Se o humor é, como conclui Wilberth Salgueiro, uma estratégia acionada na poesia de testemunho para entender a dor, também o é no modo como Angélica Freitas aciona a tradição na obra *Rilke shake* (2006), conforme mostram João Paulo Vieira Escute (Unesp/São José do Rio Preto) e Diana Junkes Bueno Martha (Unesp/São José do Rio Preto) em “Um *drink* de tradição e novidade: considerações sobre *Rilke shake*, de Angélica Freitas”. Evidenciam os autores que, a exemplo do que se opera com o título, os poemas do livro aglutinam elementos de extratos culturais diversos, como o erudito (Rilke, Gertrude Stein, Pound) e a cultura de massa, resultando em uma obra que pode atingir um público diversificado.

É ainda a relação da poesia contemporânea com a tradição, mas desta vez com a tradição mítica, o eixo de “Orfeu sem travessa: leitura de um poema de José Paulo Paes”, em que Antônio Donizeti Pires (Unesp/Araraquara) realiza uma leitura crítico-interpretativa do poema “Orfeu”, de José Paulo Paes, publicado em *A meu esmo* (1995). Inserindo o poema “pós-utópico” de Paes numa linha de tradição da poesia órfica brasileira que remonta aos anos 1940/50, o articulista depreende que talvez não haja “lugar para Orfeu na sociedade contemporânea, uma vez

que esta, maculada pelo reflexo especular e espetacular, pela aparência e pelo logro, acaba por contaminar a poesia e o poeta, comprometendo sua função arcaica de fundador de uma nova realidade”.

Se o artigo de Donizeti Pires pensa o lugar de Orfeu na poesia contemporânea, o de Jorge Augusto Balestero (UFMT) e Kelcilene Grácia-Rodrigues (UFMT), “Poesia erótica e sensorial: do desejo à fantasia em Armando Freitas Filho”, examina configurações de Eros nos poemas da subdivisão “Mademoiselle Furta-Cor”, do livro *À mão livre* (1979), evidenciando como esses poemas mimetizam, em sua forma, o próprio conteúdo erótico. Chamam os autores a atenção para o fato de, no conjunto, haver uma linha discursiva ligando os poemas da subdivisão, de modo que o objeto desejado pela fresta, a dama, inicialmente indefinida, revela-se uma “negra”, que deve ser a “Mademoiselle Furta-Cor”.

Fecha a *Seção Temática* o texto “Um réquiem para si mesmo”, em que Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia) realiza uma leitura de *Réquiem* (2008), de Lêdo Ivo. Nesse livro, “comovente despedida” da esposa Leda, companheira de 58 anos falecida em 2004, Vera Oliveira vê também o balanço de toda uma existência, “um apaixonado hino de louvor à vida e à beleza frágil das coisas do mundo” e, ao fim e ao cabo, um réquiem para si mesmo. Por meio de um comentário sobre o livro, em que o associa às bem--aventuranças evangélicas do “Sermão da Montanha” e ao *Cântico das criaturas*, de Francisco de Assis, a autora rende a sua homenagem a Lêdo Ivo, falecido em dezembro de 2012.

Com a publicação desse trabalho, a *Signótica* também presta sua homenagem ao poeta que, a exemplo do pai do poema “Montepio”, de *Estação central*, ao morrer, deixa o seu montepio: “tudo o que juntou/ de manhã à noite/no batente, dando/duro no trabalho”. Deixa-nos palavras.

Aos trabalhos temáticos segue-se a *Miscelânea*, composta por seis publicações. Abre a seção o artigo “Notas sobre a poesia de Oswald de Andrade”, que contempla um poeta modernista que continua como tradição viva para poetas marginais, conforme notam os autores Jefferson Angellis Brito (UFG) e Goiandira Ortiz de Camargo (UFG). O trabalho cartografa procedimentos estruturadores dos dois livros iniciais de poesia de Oswald de Andrade, *Pau-Brasil* e *Primeiro caderno do*

aluno de poesia Oswald de Andrade, associando-os aos *ready-mades* de Duchamp.

O segundo texto da *Miscelânea*, “Narradores especuladores”, de autoria de Cássio Tavares (UFG), apresenta uma discussão teórica e crítica de uma modalidade moderna de narrador proposta pelo autor, referida como “narrador especulador”. Derivando essa categoria de “Reflexões sobre o romance moderno”, de Anatol Rosenfeld, e de “Narrar ou descrever”, de Lukács, e entendendo-a não apenas como um tipo disponível entre outros, mas como “expressão de uma condição histórica de impossibilidade de narrar de outro jeito”, o articulista a estuda em um conto de Luís Vilela e em uma trilogia de coleções de contos de Modesto Carone.

É ainda a narrativa brasileira, mais especificamente a machadiana, examinada em “Amores Póstumos”, de João Camilo dos Santos (University of California Santa Barbara). Realizando um comentário de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899) a partir da perspectiva de que esses romances tratam de uma história de amor (Brás Cubas/Virgília e Bentinho/Capitu) que, factualmente, já terminou, mas que, por ainda inquietar o narrador, ele a reconstrói para tentar entendê-la, o autor termina por situar o lugar especial de Machado de Assis numa linhagem de escritores, como Flaubert, Eça, Theodor Fontane, que desmitificam com ironia uma visão tradicionalmente idílica do amor.

Da literatura brasileira passamos à portuguesa com “Ficção e história na recriação de Camões por Saramago”, em que Sonia Pascolati (UEL) e Cinthia Renata Gatto Silva (UEL) analisam a peça *Que farei com este livro?*, cuja escrita é anterior aos romances mais renomados do escritor. Nessa peça de 1980, notam as autoras a presença de recursos desenvolvidos em obras posteriores, como “a pesquisa histórica precisa, a colagem (*collage*), a intertextualidade e a ficcionalização de personalidades históricas”. Segundo Pascolati e Silva, Saramago, ao reinventar Camões, afasta-o de suas feições épicas, das lendas criadas em torno do seu nome, e humaniza-o, indo ao encontro do chamado novo romance histórico.

A poesia portuguesa é contemplada em “Alcácer-Quibir revisitada: a elaboração do trauma individual e coletivo na poesia da guerra colonial”, trabalho em que Carina Marques Duarte (UFRGS) e Jane Fraga

Tutikian (UFRGS) analisam poemas da *Antologia da memória poética da Guerra Colonial* (2011), organizada por Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi (2011). Privilegiando poemas dos poetas-soldados, notam as articulistas que, neles, a ruptura no interior do sujeito coincide com o esfacelamento de uma memória coletiva opressora, convocada para legitimar a guerra e o estado salazarista. Teriam sido esses poemas “a centelha para a grande inquietação e o descontentamento que tomou conta da sociedade portuguesa no final da década de 1960, levando-a a questionar o Estado Novo e a Guerra Colonial.”

“A poesia depois da destruição: *Os inocentes* de Hermann Broch”, de Mário Luiz Frungillo (Unicamp), encerra a *Miscelânea* privilegiando o romance alemão. Partindo dessa obra, cujo título se justifica porque suas personagens, não sendo diretamente responsáveis pela ascensão de Hitler, o são coletivamente, na medida em que à indiferença política corresponde uma indiferença ética, Frungillo centra suas considerações, sobretudo, em torno do personagem apicultor, para o qual o autor de *A morte de Virgílio* faz confluír reflexões teóricas pertinentes à literatura moderna elaboradas ao longo de sua carreira de escritor, como é o caso de seu entendimento nada convencional do Kitsch.

Seguem-se à *Miscelânea* duas traduções. A primeira é uma tradução do ensaio “Le sujet lyrique hors de soi” [*O sujeito lírico fora de si*], de Michel Collot, realizada por Zênia de Faria (UFG) e Patrícia Souza Silva Cesaro (UFG). Trata-se da primeira tradução realmente completa desse ensaio no Brasil; ensaio que já se impôs como importante referência para os estudos sobre a lírica. Nesse trabalho, publicado na coletânea coletiva *Figures du Sujet Lyrique* (Paris, PUF, 1996), organizada por Dominique Rabaté, e no livro individual *La matière-émotion* (Paris, PUF, 1997), Collot se distancia tanto da perspectiva hegeliana da subjetividade lírica quanto dos que professam a errância e o desaparecimento do sujeito lírico na modernidade poética. Para Collot, o deslocamento de foco, na modernidade, da subjetividade concentrada para o objeto de sensação e para a linguagem, não tem como consequência a desapareção pura e simples do sujeito em proveito de uma improvável objetividade, mas a sua transformação, como demonstra por meio do exame da obra de Rimbaud e Francis Ponge.

A *Signótica* agradece a Michel Collot (PUF) por autorizar a tradução e a publicação do ensaio.

A segunda tradução continua a homenagem da *Signótica* a Lêdo Ivo, com uma seleta bilíngue (Português/Italiano) de oito poemas. Essas versões para o italiano, publicadas em 2001 na Itália pela Multimedia Edizioni, no livro *Illuminazioni*, com tradução de Vera Lúcia de Oliveira, eram inéditas no Brasil até o momento.

Fecha este número da *Signótica* uma resenha sobre o livro *O outro lado do vento*, de Wassily Chuck, publicado em 2010 pela Ateliê. A resenha, assinada por Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (UFG) e intitulada “Leveza que fere: a poesia de Wassily Chuck”, retoma os estudos de poesia contemporânea que abrem a *Seção Temática*. Segundo a resenhista, os poemas do livro se organizam de modo coeso em torno da morte, cujo peso é sobrelevado por meio de estratégias poéticas, e dialogam com uma tradição romântico-simbolista nacional e internacional.

A *Signótica* agradece aos autores dos trabalhos aqui publicados, ao Conselho Editorial e aos pareceristas *ad-hoc* e deseja a todos os leitores uma proveitosa leitura.

Solange Fiuza Cardoso Yokozawa
Editora da Área de Estudos Literários